

DEPOIMENTO SOBRE AS TORTURAS DA CRIMINOSA PIDE/DGS

(Depoimento enviado para a Comissão de Extinção da PIDE/DGS)

Fui preso 3 vezes pela PIDE: em 1947, em 1960 e em 1971. Faço parte daquele grupo de militantes antifascistas mais brutalmente torturados.

É difícil exprimir por palavras toda a crueldade desse monstruoso instrumento de repressão que se chama PIDE, que ao longo dos 48 anos da ditadura perseguiu e torturou centenas de milhares de portugueses; que assassinou, a tiro e por espancamentos, muitos dos melhores filhos da classe operária e do nosso povo.

É difícil exprimir por palavras toda a crueldade dos espancamentos feitos por grupos de agentes, ou por um ou dois PIDES, durante horas e horas, muitas vezes de noite como “cavalo-marinho”, com chicote e “cassetete”, com a mão de cutelo no pescoço e nos músculos dos braços; com boxes no estômago e na barriga; com joelhadas nos rins e nas coxas; com pontapés nas canelas e nas coxas e até nos testículos; com pisadelas nos pés e nas unhas dos dedos; com bofetadas e murros na cara, nos ouvidos e na cabeça; com o atirar o preso ao chão e deixá-lo cair desemparradamente no chão e pular em cima aos pés juntos, ou dando pontapés no corpo por qualquer lado; queimar o preso com pontas de cigarro, com apertos dos testículos, etc. Com espancamentos até ao desmaio e morte como sucedeu a tantos patriotas (José Moreira, Antonio José Patuleia, Germano Vidigal, por exemplo).

É difícil exprimir por palavras a violência da célebre *tortura do sono*, que consiste em não deixar dormir o preso durante 5, 6, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, e mais dias e noites seguidos (eu estive na última prisão 18 dias e noites, seguidos, nessa tortura, impedido de dormir); tortura que é acompanhada de espancamentos, de gritos e pancadas nas paredes e outros ruidos, água fria pela cabeça e corpo; tortura que provoca dolorosas alucinações visuais e auditivas e vai até ao esgotamento físico quase total do preso.

É difícil exprimir por palavras a crueldade da conhecida *estátua*, que consiste em manter o preso de pé junto a uma parede, ou andar dum canto da sala de tortura ao outro canto, sem se poder sentar durante noites e dias seguidos. É também a tortura de potentes lâmpadas sobre a vista durante horas. E o emprego de palavras mais insultuosas contra a dignidade do preso, como *cabrão, filha da puta, corno, paneleiro, estás aqui mas a tu mãe, a tua mulher (ou marido), a tua filha estão lá*

fora a f..., etc. E os vexames às mulheres antifascistas presas, à sua dignidade, despindo-as e deixando-as em roupas menores como, por exemplo, no caso da Conceição de Matos.

Estou certo se estas cenas de tortura, de espancamentos, do sono e outras tivessem sido filmadas, ao longo dos 48 anos do fascismo, não haveria um português honesto capaz de resistir sem correr as lágrimas pela cara e sem se lhe pôr os cabelos em pé.

Quando falamos das cruéis torturas da PIDE não estamos a exagerar nem a fazer demagogia. Estamos simplesmente a dizer a negra realidade. E ninguém mais do que os comunistas sentiram essa dura realidade, demonstrada nas dezenas de assassinatos, nos milhares de horas de torturas e nos milhares de anos de cadeia ao longo da noite fascista.

A PIDE no seu conjunto e muitos dos seus elementos individualmente têm grandes e graves responsabilidades e crimes às suas costas, que uma *Justiça democrática não pode perdoar, ou passar com paninhos quentes por cima.*



António Gervasio saliendo de la prisión del Forte de Peniche (26 de abril de 1974).

No meu caso concreto.

Na prisão-de 1960 fui cruelmente torturado e só por mero acaso não fui assassinado como outros foram. Durante 6 meses estive isolado nas “gavetas” do aljube, sem jornais, sem livros, sem caneta e sem papel. Sempre que queria escrever à família tinha de pedir a caneta e o papel ao guarda e entregar logo que terminasse a escrita.

Estive 18 dias na *tortura do sono* com intervalos de 5 dias, mais 7, mais 4 e mais 2. Sempre acompanhado de espancamentos, umas vezes de “cassetete”, de “cavalo-marinho” ou de *sovas ciéticas*, ou seja, joelhadas nos rins, nas coxas, mão de cotelo no pescoço, boxes no estômago e na barriga, pontapés nas canelas e pisadelas nos pés e nos dedos; bofetadas e murros na cara, na cabeça e nos ouvidos, etc. Estas cenas de espancamentos repetiram-se ao longo de 4 meses. Várias vezes era acordado à 1 ou às 2 da madrugada, na Sela do Aljube, pelo guarda, e levado algemado pela PIDE para Rua António Maria Cardoso (sede da PIDE), para ser interrogado e espancado nas horas “calmas” da noite! Passados cerca de 4 meses de interrogatórios e de isolamento nas celas do Aljube, quando pensava já terem passado ostempos mais negros, uma certa tarde, ao começo da noite, depois de ter acabado de jantar, quando me preparava para me deitar, sou avisado pelo para me preparar para ir à policia! Dado a hora, pressenti o que me esperava.

Logo à entrada do carro da PIDE, junto das portas do Aljube, fui algemado e metido aos empurrões para dentro do automóvel. Entrei na sede da PIDE, levado para o 4º andar, levado para uma das salas da tortura, ao fundo do corredor, uma das salas que menos se podia ouvir para a rua.

Na sala dos carrascos, um agente, conhecido por *Cabrita*, dirigiu-se para mim e diz:

-Então, Sr. Gervásio, continua a manter a sua posição?

À porta da sala estava um grupo de agentes com os olhos ferozes sobre mim. Eu apenas olhei para o agente com desprezo. Esse agente atira-me logo um potente murro no ouvido esquerdo. “Vi” a sala dar várias voltas e ter várias “cores”. Aguardei sem cair. O sangue espirrou para o chão e para cima do agente. O grupo de agentes que estava à porta da sala, lançou-se sobre mim, batendo por todo o lado, atirando-me contra a parede, puxando o cabelo, torcendo os braços, as pernas e pescoço, ao mesmo tempo insultand: *Alentejano dum cabrão!, És enxertado em corno de cabra!, Nunca aqui apareceu umaprenda como esta! Não fala nem olha para nós! Não sais daqui a rires-te da policia!, etc., etc.* Esta cena começou cerca das 19 da noite e acabou por volta das 9 da manhã do dia seguinte, com uns pequenos intervalos de “descanço” Ao começar o dia estava todo negro, muito inchado, mal cabia na roupa, os pés não cabiam nos sapatos, o inchaço tinha tapado

as unhas das mãos, os olhos mal se via por um orifício, o ouvido escorria, sangrava, com fortes dores, na cabeça, parecia que tinha um motor a trabalhar!

De madrugada, quando estava já muito inchado, os PIDES torciam-me o pescoço, as pernas, os braços, o corpo, provocando grande sofrimento, fazendo urinar às pinguinhas. A certa altura deste espancamento perdi os sentidos! Acordei ao meio da tarde com um PIDE a dar-me pontapés nas pernas, a dizer para me levantar. Não era capaz, estava todo partido. À noite, os agentes levaram-me de charola para dentro de uma carrinha e conduzido para o Aljube. Os próprios carcereiros exclamam: *Como o senhor vem!* Para subir a escada do rés do chão para o primeiro piso das celas foi preciso o apoio do carcereiro.

Durante um mês não consegui baixar-me para fazer as necessidades. Ao longo de 8 meses tive equimoses no corpo. Tive durante muito tempo surdo do ouvido esquerda, com o tímpano profurado devido ao espancamento. Neste espancamento participaram uns 15 a 17 agentes da PIDE. Eramos célebres Tinoco e Rosa Casaco, que dirigiam o “meu processo”.

Um dos agentes que mais me espancou foi um chamado Cristofanete. Este agente, ao mesmo tempo que espancava, ria-se e dizia: *Filho da puta, gostas disto, não gostas?*, etc. Outros agentes que me torturaram: Chefe Rêgo, Capitão Falcão, um Ferreira, um Cabrita e outros, cujos nomes não me lembro e outros nunca soube.

Nos interrogatórios, para aterrorizar os presos, a PIDE berrava: *Aqui todos falam! Nenhum sai daqui sem contar a sua historia! Ou falas ou vais para o cemitério! Ao entrar nesta casa a lei acabou!*, etc.

No meu julgamento em 1961 fui espancado por um grupo de agentes da PIDE, em plena sala do Tribunal. Foi o próprio Juiz (Caldera) que deu ordens à PIDE para me retirarem da sala, por ter denunciado o regime fascista e os maus tratos da Polícia. Fui algemado, espancado, ferido, deixado sangue pelos corredores do Tribunal.

Fui levado para Caxias e metido no Segredo com 5 dias de castigo. Como protesto, entrei em greve de fome. Tentaram utilizar a sonda, respondi que resistiria pela força. Ao fim de 5 dias de greve de fome fui levado para junto dos outros meus camaradas presos. Nunca me curvei aos verdugos do povo português.

Em fins de Julho de 1971 voltei de novo a ser preso pelo PIDE, na Marinha Grande. Fui logo levado para interrogatório e *tortura do sono*, no Forte de Caxias, Reduto Sul, onde a PIDE tinha, nos últimos anos, os seus serviços de interrogatórios e tortura.

Estive 18 dias e noites seguidas na *tortura do sono*. Não fui espancado como em 1960. Levei bofetadas e uns pontapés nas canelas por me recusar a levantar-me quando os Pides entravam na sala do interrogatório.

A *tortura do sono* é uma tortura extremamente bárbara, um processo muito usado pela PIDE. Essa tortura leva o preso até ao esgotamento físico quase total: O preso fica mais próximo da morte do que da vida. É um atentado de assassinato, é a morte lenta. Sabe-se que nalguns países tem havido voluntários que se oferecem para fazer experiências sobre a *tortura do sono*, com vistas aos especialistas conhecerem as suas consequências. Não é mesma coisa! Uma experiência voluntária sobre a *tortura do sono* é uma “brincadeira” em comparação com a *tortura do sono* a sério nas mãos dos policiais!

Uma vítima desta tortura que está 10, 12, 15 e mais dias seguidos e submetida a espancamentos, com ruídos para estoirar com a cabeça, com água pela cabeça e às vezes uns dias só a pão e água, para enfraquecer mais depressa, quando chega ao fim desta tortura está mais perto da morte do que da vida. Está irreconhecível, com aspecto de cadáver, a pele da cara esverdiada e rogada, olhos fundos e rochos, magro. O preso emagrece rapidamente. Ao fim de uma sessão de *tortura do sono*, se um familiar ou amigo, visse o preso, não o reconheceria! Na meu caso, ao fim de 8 dias de *tortura do sono*, vi a minha cara num espelho, não parecia eu, parecia um velho muito doente!

A tortura do sono, não provoca só o sofrimento do sono. Provoca dolorosas alucinações visuais e auditivas. Passados 5 a 6 dias e noites seguidas impedido de dormir, o preso tem a sensação de que “vê” e “ouve” bichos e vozes reais. Tem a impressão de que “vê” ratos, cobras, aranhas, pessoas conhecidas. Tem a impressão de “ouve” vozes de pessoas de família ou conhecidas. A cabeça põe-se fria, com uma grande zuada. O coração bate muito e com força. Vai crescendo um grande mau estar. O preso vai perdendo o sentido do sitio onde está. Se está sentado começa a ter quedas repentinas no chão. Se anda na sala, dá cabeçadas nas paredes ou tem quedas repentinas e violentas no chão. Ao mesmo tempo os agentes a fazer barulho com peças metálicas e outras para não deixar dormir o preso e provocar o zumbido na cabeça. Quando o sono aperta mais, os policia deitam água fria pela cabeça do preso. Os agentes agarram o preso por baixo dos braços e andam à volta da sala gritando: *Quem são os teus camaradas? Quais são as organizações que controlavas? Onde é a tua casa?*, etc., etc. Assim se passam dias e dias, noites e noites, nesta cruel tortura até o preso deixar de sentir as pancadas, os barilhos, a água na cabeça e cai sem sentidos, como morto. Foi assim que aconteceu comigo em 1971.

Em geral, a PIDE levava a *tortura do sono* até ao esgotamento físico, quase total, do preso. Foi assim que vários antifascistas perderam a sua vida nas torturas da PIDE!

Os torturadores da PIDE que mais me torturaram em 1971 foram Capela, Passos, Carvalho e outros que não soube o nome.

Eis um resumo como a PIDE torturava os antifascistas portugueses.

António Joaquim Gervásio

Montemor-O-Novo

Publicado en el número 11, Año 2001, de la Revista
Transfronteriza O PELOURINHO Págs. 59-66